

**Jornada de início de ano dos adultos e dos estudantes universitários de Comunhão e Libertação
Mediolanum Forum, Assago (Milão), 29 de setembro de 2018**

**Introdução de Luigi Giussani aos Exercícios Espirituais do Centro Cultural C. Péguy
(Varigotti, 1 de novembro de 1968)**

por Julián Carrón



**“Vivo”
quer dizer
presente!**

“Vivo” quer dizer presente!

Jornada de início de ano dos adultos e dos estudantes universitários de Comunhão e Libertação

Mediolanum Forum, Assago (Milão), 29 de setembro de 2018

Julián Carrón

Recomeçar não é um dado adquirido, é graça, sinal inequívoco do cuidado de Deus para com cada um de nós. Que choque, que gratidão dar-mo-nos conta de que não somos abandonados ao nosso nada! Mas esta graça foi acolhida por cada um de nós pelo próprio facto de estar aqui agora. Peçamos então ao Espírito – que é o ponto original deste movimento – que nos abra a todos, abra todo o nosso eu para acolher esta graça, e peçamos-Lhe que esta graça em nós não seja vã.

Descei, Espírito Santo

Dou as boas vindas a todos os presentes e a todos aqueles que estão ligados através de vídeo.

Este ano recordamos os cinquenta anos do 68, que foi, como todos sabemos, um momento de passagem (Bento XVI definiu-o como uma «cisão» na nossa história recente), que embora partindo de exigências justas – de maior autenticidade e liberdade – acabou por fazer entrar em crise toda a nossa sociedade.

Hoje estamos diante de um outro imponente momento de passagem, a que o Papa Francisco se refere como uma «mudança de época», caracterizado por aquilo a que chamámos «colapso das evidências» (quantas vezes o repetimos nestes anos, e com uma consciência cada vez maior): aquilo que há apenas algumas décadas parecia óbvio, quanto aos fundamentos da vida pessoal e social, já não é evidente para a maioria dos nossos contemporâneos.

A consequência mais imediata é uma grande confusão, de que todos nos apercebemos. Como testemunha um dos mais importantes sociólogos alemães, Ulrich Beck, no seu último livro (publicação póstuma). Diz literalmente: «O mundo está fora dos trilhos. São muitos os que acreditam nisto. Vagamos sem meta, confusos, discutindo os prós e contras disto e daquilo. Sobre uma frase, a maioria das pessoas encontra-se de acordo, para lá de todos os antagonismos, e em todos os continentes: “Já não percebo o mundo”» (*La metamorfosi del mondo*, Laterza, Bari 2017, p. XIII).

Muitos perguntam-se, portanto: de onde é que se pode recomeçar? De onde voltar a partir?

Precisamente por isso, impressionou-me muito ouvir uma intervenção de Dom Giussani, durante um encontro com o núcleo de adultos, reunido em torno do Centro Cultural Péguy, que se tornaria depois em Comunhão e Libertação. Foi a 1 de novembro de 1968, em Varigotti. Estamos no auge da crise que nesse mesmo ano tinha atingido a GS. Giussani intervém precisamente no meio da desorientação geral, e pergunta-se: de onde voltar a partir? O que é que pode sustentar verdadeiramente a vida num momento de tão grande confusão? O que é que pode resistir ao choque do tempo? A sua resposta está contida nas palavras que vamos ouvir agora.

Pela forma como me tocou quando o ouvi, tendo-o entendido como radicalmente pertinente à situação de hoje, decidi dá-lo a ouvir também a vocês. Além das palavras, prestem atenção também ao tom e à forma com que Dom Giussani se dirige aos poucos do Centro Cultural Péguy que o estão a ouvir.

Pareceu-me importante que também os nossos amigos estrangeiros – que seguem este encontro em direto ou que o verão em diferido – pudessem ouvir a intervenção de Dom Giussani e não apenas ler a sua tradução, para facilitar a sua identificação com os conteúdos sobre os quais iremos trabalhar todos no mês de outubro.

Introdução de Luigi Giussani aos Exercícios Espirituais do Centro Cultural C. Péguy

(Varigotti, 1 de novembro de 1968)
por Julián Carròn

Luigi Giussani

Fiquemos por um momento em silêncio (pensando no que viemos fazer, mesmo que não tenhamos ainda obtido a resposta) diante de Deus.

Breve momento de silêncio

Pelo menos esperemos que o Senhor nos dê, ao fim destes dias, a compreensão clara do que viemos fazer, na medida em que esta clareza não existisse na origem.

Eu nunca me senti tão embaraçado e nunca me senti com tanto receio a falar neste lugar, depois de quinze anos, como desta vez, porque é esta vez é como o fruto último, é como o nível extremo de uma história. Eu já estou a implicar assim aquilo que deveria ser, a meu ver, o conteúdo destes dias, já estou a dizer pelo menos a importância que deveria ter para mim o conteúdo destes dias. É como se tocássemos o fundo daquilo que há quinze anos viemos para começar a procurar justamente neste lugar. E o receio ou o embaraço é pela parte que a minha voz ainda deve ter.

Estamos todos cheios de esperança de que estes dias digam alguma coisa, não só que não sejam dias perdidos, mas que estabeleçam, coloquem de forma estável alguma coisa, nos façam dar um passo irreversível. Todos temos esta esperança, mas a diferença profunda em relação a todas as outras vezes em que nos reunimos, está aqui: que esta esperança já não está no que vos seria dado, mas em vocês. Já não é uma esperança naquilo que uma voz ou algumas circunstâncias vos poderão dar nestes dias, é uma esperança – pelo contrário – que cada um deve depositar, não digo em si mesmo no sentido autónomo da palavra, mas em alguma coisa que está dentro de si, de vocês.

Digamos uma frase nítida, simples: é uma esperança, desta vez, em vocês, é uma esperança em mim e em ti, em ti e em mim, é uma esperança na nossa pessoa ou em alguma coisa que está dentro da nossa pessoa. Não é uma esperança em algo de fora; não é uma esperança numa voz, em circunstâncias, numa situação, numa ocasião: não é uma esperança nisso, é uma esperança em alguma coisa que está dentro de nós. Tenho por isso esperança em ti, não tu esperança no que eu posso conseguir ser capaz de te dizer. No fundo, esta é a diferença que se estabelece entre um auditório infantil ou adolescente e um auditório adulto, maduro; porque na pessoa madura, no homem adulto, todo o acontecimento dramático da vida e do seu significado, do seu valor, se desenvolve dentro dele. Não é que ele deva procurar todos os factores, ou os factores determinantes, na autonomia da sua singularidade. Pelo contrário! Mas tudo aquilo que determina o seu valor se joga dentro de si: Deus, ou Satanás, se quiserem – o apelo do mistério de Cristo ou o apelo visceral do mundo – é dentro de ti que jogam o seu drama, que jogam o seu apelo.

Quantas vezes nos tocou aquela frase do Evangelho: «Acreditam que quando o Filho do Homem voltar, ainda achará fé sobre a terra?» (cf. Lc 18,8). Acho que em toda a nossa história não houve um momento – um momento no sentido temporal – em que esta frase dita por Cristo melancolicamente, tristemente, tenha surgido, tenha sido possível ouvi-la tão pertinente como agora. «Acreditam que quando o Filho do Homem voltar, ainda achará fé sobre a terra?».

É a fé que nós procuramos, é a fé em que queremos penetrar, é a fé que queremos viver. À nossa volta parece que tudo colabora, que tudo é conivente com uma força operante que tenta eliminar esta fé, ou desestabilizá-la, ou esvaziá-la, ou reconduzi-la a categorias meramente racionais, a categorias naturalistas. Fora e dentro do mundo cristão, dentro e não só fora, agora. É a fé autêntica, ou a autenticidade da fé, o que nós procuramos. Não procuramos outra coisa. Precisamente por isso é que o discurso destes dias e o trabalho destes dias indica alguma coisa em que cada um de nós arrisca, arrisca-se a si mesmo. Por isso tentámos ser claros no entendimento antes de vir aqui. Nós estamos prontos a falar com toda a gente, a ir a qualquer lugar do mundo, mas precisamos de uma casa, precisamos de um lugar onde a palavra seja palavra, “expressão”, e onde a relação seja “coração”, cordial, onde a companhia seja positiva, onde as palavras tenham um significado e os entendimentos um significado, e o pão seja pão, e a água seja água.

Por isso, antes de virmos aqui, quisemos ser claros e, retirando da história, especialmente daquela dos últimos anos, em particular do último ano, aqueles alvoreceres, aqueles alvoreceres de uma visão definitiva das coisas, aquelas referências, aquelas ocasiões para uma “versão” radical da nossa maneira de conceber o mundo; retirando portanto da

experiência deste último ano, destes últimos anos, estas ocasiões, estes primeiros alvoreceres, estas primeiras indicações, nós dissemos-nos que sobre elas jogamos a nossa pessoa, aceitemos arriscar a nossa pessoa. Elas estabelecem, portanto, o perímetro de uma amizade que é a condição fundamental para que o homem possa tornar-se ele mesmo, possa caminhar sem correr um perigo insuperável, sem um perigo impossível de ultrapassar.

Apesar, portanto, do número, é um ar de profunda, ainda que extremamente discreta, familiaridade, aquele em que o tom destes dias deve encontrar alimento, o seu alimento; uma familiaridade pacata e discreta, mas profunda, que ama, que deseja, que só espera o seu esclarecimento, que espera esclarecer-se, esclarecer-se ainda mais, ou esclarecer-se cada vez mais. Neste sentido, é claro que a esperança é depositada por cada um de nós no outro: é em ti e é em mim que a esperança é depositada, porque está numa sinceridade tua, mas digamos a palavra verdadeira, é numa «pobreza de espírito» tua. Não uma curiosidade intelectual, mas uma pobreza de espírito deve acompanhar-nos nesta companhia amanhã, depois de amanhã, segunda-feira: uma pobreza de espírito, a pobreza autêntica, não a pobreza miserável, não a pobreza feia, ainda que o Evangelho mostre na pobreza miserável e feia uma ocasião da qual Deus se serve para obrigar o homem a ir ao fundo das coisas; mas sem a pobreza do espírito até a pobreza mais negra não se torna, evidentemente, ocasião para um aprofundamento, porque é só a conversão que faz entender e que dá valor, e é na pobreza de espírito que está a conversão.

Pobreza de espírito, portanto. O sintoma mais radical da pobreza do espírito é o ouvir, é a posição de voltar a ouvir e de ouvir: de voltar a ouvir aquilo que já nos foi dado, e profusamente dado, porque Deus, sendo o criador, o construtor, não pode preparar-nos agora alguma coisa se não tiver relação com o que já nos foi dado; e de ouvir, porque precisamente, sendo Ele criador, cada momento tem uma novidade, uma novidade impressionante, que urge sobre a nossa existência e a provoca para o caminho, ou a provoca para a descoberta e a construção.

É um acontecimento que nos tem de acontecer dentro, nestes dias. É um acontecimento que deve acontecer-nos por dentro, porque aquilo que procuramos fazer não é uma associação. Já seria alguma coisa, dizia alguém esta noite, se nos fossemos embora daqui tendo compreendido que realmente não é uma associação o que queremos fazer – independentemente de todos os organismos em que uma amizade procura caminho e afirmação; não é uma associação aquilo que pretendemos, mas é, para usar uma palavra já dita, uma «fé», é uma dada, determinada, clareza de fé. Porque então a tua pessoa, transformada por dentro, aonde quer que vá, o que quer que faça, qualquer relação que estabeleça, vai criar uma parte desse organismo do qual nós somos *partners* tão sensíveis, o organismo de Cristo no mundo.

Não sei como expressar aquilo que fermenta dentro de mim agora, porque eu queria, com esta premissa, limpar o campo de todos os obstáculos e percebo que não consigo. Mas eu entendo isto: a palavra «fé», como eu a disse, ou a palavra «Cristo», como disse ainda há pouco, ou a palavra «organismo de Cristo no mundo», como disse ainda há pouco, estas palavras, como todas as que eu disse, que eco diferente elas têm em mim e em vocês; entre todos nós, que eco diferente! Para quantos de vocês ainda, talvez, estas palavras ressoem como exteriores a si. De qualquer forma, por mais exteriores que possam soar, ou profundamente inscritas na própria personalidade – como eu as sinto – é uma conversão diante destas palavras aquilo para que nós apontamos nestes dias. É um acontecimento, não um estarmos de acordo em fazer alguma coisa; não uma estrutura para pensar ou para salvar, mas um acontecimento em nós mesmos, porque depois o homem adulto vai criar a estrutura como obra das suas mãos, se e na medida em que tiver dentro de si o rosto que estas palavras devem determinar, se tiver o coração, a inteligência e o coração de que estas palavras devem ser o conteúdo.

João XXIII falava de «sinal dos tempos», gostava de falar de «sinal dos tempos» (cf. Carta Encíclica *Pacem in Terris*, 21ss). Nós também utilizamos esta expressão e procuramos um sinal dos tempos no que diz respeito à pedagogia da fé, à nossa relação de fé, à nossa relação com a fé.

Parece-me que este sinal dos tempos pode ser definido assim: há quinze anos, quando começámos com a *Gioventù Studentesca* – todos vocês se lembram – a ocasião, o motivo (não digo há quinze anos para todos vocês mas digo que é uma postura que dura até agora), a ocasião para o apelo, o impulso no qual se procurava o apoio para... a razão – isso – a razão em que se procurava apoio para mover à adesão, o impulso, o motivo sobre o qual se tentava fundamentar, normalmente era este: nascemos numa tradição, não é justo que tenhamos de continuar a omitir esta tradição, senão comprometendo-nos primeiro com ela. Uma história que nos moldava um dever de lealdade para com ela.

Pela minha experiência, este foi o tipo de apelo catalizador das boas vontades, catalizador de um mínimo de simplicidade de coração que ainda restasse. De toda a forma, pela minha experiência, foi este tipo de apelo, foi esta razão que moveu todas as pessoas que vieram connosco: quero dizer, o motivo ou o impulso, explicitado, teorizado, definido.

Agora, se existe um aspecto impressionante do sinal dos tempos, ou do sinal dos tempos, é este: que semelhante tipo de apelo hoje não resistiria, já não resistiria. Para o jovem, e para cada um de nós, na medida em que fica dentro de si alguma juventude, a tradição como motivo e apelo já não é suficiente; poderia ser uma palavra que, num determinado temperamento equilibrado e cheio de sensibilidade, poderia até suscitar emoção e como-

ção, mas não aquela impressão que move. Se eu tivesse atualmente que pedir aos jovens para entrarem na GS, eu não creio que usasse ainda esta razão.

É verdade, e até se pode sublinhar o porquê: é um tempo, o nosso – quantas vezes tivemos oportunidade de referir isto – em que a história passa por um momento eminentemente crítico, um momento de empenho na revisão e revolução das coisas. Neste sentido, a história vive um momento em que diminui o sentido da história: afobado e apaixonado na obra presente, o homem perde o sentido da história. Deste ponto de vista, uma época como a nossa, se é rica de uma energia inusitada, se é rica de uma força operativa impensada até há poucos anos, é extremamente pobre de espírito, mas não no sentido evangélico da palavra; é uma época extremamente pobre porque a riqueza de espírito é eminentemente um fenómeno, um acontecimento de síntese e o sentido da história é o índice supremo da riqueza de espírito.

Mas há um segundo aspecto deste sinal dos tempos, que confirma a interrogação que o primeiro destaque começou a colocar. Há uma outra forma com a qual já não se pode começar, para chamar à fé; é uma outra forma com a qual a admiração do inteligente ainda pode ser despertada, mas não aquele movimento da pessoa que a faça passar a algo de novo, que a faça comprometer-se com algo para fazer, com algo de definitivo, de definidor e de definitivo – quantas vezes, no entanto, nós fizemos esse apelo! – não é o facto de que a filosofia cristã da vida, o olhar cristão sobre o mundo, a teoria cristã da existência seja mais completa, seja completa em relação às outras, perfeita, equilibrada, compreensiva, humaníssima, não é sequer a maravilha de uma teoria perfeita o que pode mover o jovem de hoje e cada um de nós, na medida em que possui algo de juvenil em si.

Tradição e teoria, tradição e discurso, já não conseguem mover o homem de hoje. Eu falei do jovem, mas aquele mínimo de juventude que mencionei antes é o que permanece no homem por toda a sua vida, então também para nós é assim, até para o homem adulto e maduro é assim; aliás, para o homem adulto e maduro este problema não se coloca, exatamente porque para tornar-se adulto na fé é preciso tê-lo superado, é preciso ter superado o apelo fascinante do motivo histórico e o apelo admirável de uma estética dada por uma perfeição teórica.

Já não pode ser nem a história, nem a doutrina; nem a tradição, nem o discurso a mover o homem de hoje. Tradição e filosofia cristã, tradição e discurso cristão, criaram e ainda criam a cristandade, não o cristianismo. Por «cristandade» entendemos aquele fluxo, aquela corrente, aquele rio identificável no campo da história e qualificado, precisamente, por determinadas fórmulas de pensamento, por determinadas maneiras de conceber, por determinadas regras morais, por determinados valores que são sublinhados, por determinados comportamentos práticos, por determinadas “formas”. Tradição e discurso, tradição e cultura cristã, tradição e teologia, se quiserem, tradição e doutrina cristã criam formas.

O cristianismo é toda uma outra coisa, ainda que, é claro, o cristianismo compreenda tudo isto que dissemos. Não só recupera, mas exalta o valor da história, faz com que a tradição seja realidade viva, recupera o filosofar no sentido profundo da palavra, recupera o ordenamento inteligente; não só, mas exalta-o até fazê-lo tornar-se uma realidade viva dentro de nós. Pois bem o cristianismo é aquele «quê» que faz a tradição tornar-se realidade viva, que faz a articulação do pensamento tornar-se realidade viva, que faz o que é passado tornar-se vivo, que faz tornar-se vivo o pensamento, a ideia e o valor.

Mas “vivo” quer dizer presente! Metodologicamente não podemos fazer outra coisa, se não quisermos confundir-nos, a não ser voltar à origem, como nasceu, como começou? Foi um acontecimento. O cristianismo é um acontecimento. A cristandade é um sulco sócio-histórico, mas o cristianismo é um acontecimento. A cristandade são formas articuladas, mas o cristianismo é um acontecimento.

Digamo-nos então: como fizeram para começar a crer? Em que consistiu aquele acontecimento que despertou um tal interesse, determinou uma tal impressão que as pessoas pela primeira vez se arriscaram com o que estava à sua frente, que as pessoas pela primeira vez tiveram a fé acesa por dentro, que o cristão começou a existir no mundo? Qual foi esse acontecimento, de que tipo foi esse acontecimento?

Não creram porque Cristo falava dizendo aquelas coisas, não creram porque Cristo fez aqueles milagres; não creram porque Cristo citava os profetas; não creram porque Cristo ressuscitou os mortos. Quantas pessoas, a esmagadora maioria, o ouviu falar assim, o ouviu dizer aquelas palavras, o viu fazer aqueles milagres, e o acontecimento não aconteceu para elas. O acontecimento foi alguma coisa de que o milagre ou o discurso eram artigos, eram segmentos, eram factores, mas foi outra coisa, de mais, de tão diferente que deu ao discurso e ao milagre o seu significado. Creram por aquilo que Cristo mostra. Creram por aquela presença, não por isto ou aquilo que fez e que disse. Creram por uma presença. Não uma presença imberbe ou indistinta, não uma presença sem rosto: uma presença com um rosto bem preciso, uma presença carregada de palavra, ou seja, carregada de proposta. Creram por uma presença carregada de proposta. Uma presença carregada de proposta é, então, uma presença carregada de significado. Qual é o termo com que se pode definir de modo perfeito o acontecimento de uma presença carregada de proposta, carregada de significado para a vida (porque a proposta é um significado para a existência)?

Há um pormenor, uma conotação, que ainda é preciso sublinhar, que não podemos deixar escapar: nem todas as presenças, não é qualquer presença que está carregada de significado, *paradon*, não é qualquer presença com proposta que está carregada de significado, a ponto de entrar naquilo que define a palavra que estamos prestes a dizer, mas só na medida em que tem algo de imprevisível, de imprevisto e de imprevisível, ou seja, tem uma novidade radical em si. Uma novidade radical que eu repito, volto a descrever com os termos «imprevisto» e «imprevisível»: é uma coisa que não existia e existe, está ali; era uma coisa que não podia existir, e está ali; é uma coisa que não podia existir e está aqui. Uma coisa que não podia existir, ou seja, que não era corolário, que não era coerente com toda a sabedoria, com toda a experiência, com todos os discursos precedentes, com toda a tradição. É a expressão de uma “potência maior”, é a expressão de uma potência maior, é a presença de uma potência maior, como quer que seja definida, mesmo que com muita ou pouca pressa depois a nossa consciência crítica tentasse reconduzir esta impressão inegável, esta impressão irresistível no primeiro momento, mesmo que a nossa consciência crítica tentasse mais ou menos apressadamente reduzi-la às categorias de antes, da tradição ou do seu discurso de antes, do seu filosofar antecedente, da sua sabedoria antecedente, da sua experiência antecedente.

Portanto – resumindo -, uma presença cheia de proposta, repleta, por isso, de significado. Mas este «por isso» está a mais. Uma proposta está cheia de significado, uma presença com proposta está cheia de significado, na medida em que tem dentro de si algo de irreduzível ao passado, ou seja, ao nosso presente que nasce do passado. Uma novidade radical está nela.

Bem, a palavra que indica este fenómeno é a palavra «anúncio». O cristianismo nasceu como anúncio: era aquela pessoa que falava assim, que fazia assim, mas era ela, aquela pessoa, que dizia e fazia; era aquela pessoa, era o conjunto, era tudo, era aquela presença carregada de proposta, repleta de significado, com uma novidade irreduzível. Era a experiência de uma novidade irreduzível. Tentem pensar, com delicadeza de espírito, com discrição não no sentido da timidez, pelo contrário, mas do pudor, da fineza profunda que assegura a perspicácia da pobreza do espírito, tentem pensar naquela rapariga que estava em casa e recebeu o anúncio: Nossa Senhora. Algo não condutível, em última instância, aos acontecimentos precedentes, dos quais o seu presente era feito. Mas por que creram aquelas centenas de pessoas assim que o Espírito desceu sobre os Apóstolos? Por que creram quando Pedro se pôs a gritar na praça? Por quê? Teria sido só um facto curioso que alguém falasse e o entendessem em muitas línguas, teria sido só um facto intelectual, que se pusesse no seu discurso, como fez, a rever toda a história judaica em função daquele Homem que tinham matado havia poucos dias. O anúncio era aquela coisa ali, era aquilo que acontecia, era aquele acontecimento, era a totalidade daquele acontecimento que chocava, no sentido da impressão, que trazia, trazia alguma coisa, alguma coisa que não podiam de forma evidente decifrar e definir, mas era diferente: uma novidade, uma proposta – caramba, que proposta! -, uma proposta que mudava. Não conseguiam decifrar o valor e os termos dessa mudança, nem um pouco. Por isso a palavra «anúncio» tem apenas uma outra palavra para a qual imediatamente remete, e é a palavra «conversão».

Mas, para não sublinhar todos estes componentes, ou todas estas implicações, melhor, vamos retomar o esforço da imaginação, identificando-nos com aquele momento: foi um acontecimento na sua inteireza que marcou aquelas pessoas; e aquilo pelo que ficaram marcadas e mudaram foi que aquele acontecimento estava cheio de significado, novo, imprevisto e imprevisível. Mas por que é que o povo de Esmirna ou de Atenas, de Mileto ou de Filipos, aderiu – aqueles que aderiram – a São Paulo? Por causa das palavras que ele dizia? Pelos gestos que ele fazia? Também. Era por todo um conjunto, que a palavra «anúncio» descreve no seu perímetro total. Era um anúncio: a presença de algo que propunha uma mudança, uma novidade.

Há um termo, na nossa história, na história dos nossos esforços, que está próximo daquilo que esta noite tentámos focar e é a palavra «encontro». De facto, a palavra encontro só tem um significado existencialmente incisivo, existencialmente válido, exclusivamente se o encontro coincidir com um anúncio: uma presença carregada de significado.

Há um sintoma particular que quero sublinhar, para que a coisa fique ainda mais clara. É anúncio uma presença com proposta; esta torna-se realmente cheia de significado, é realmente anúncio, na medida em que envolve no significado que expressa a pessoa que o carrega, que carrega esse significado. O anúncio é a presença de uma pessoa envolvida com plenitude num significado do mundo, num significado da vida. Porque aquilo que muda a vida, aquilo que nos muda, uma impressão é existencial, ou seja, muda a existência, na medida em que carrega uma concepção do mundo, uma visão do mundo. Por isso, o anúncio é a presença, é uma presença carregada de significado, mas uma presença que envolve nesse significado a pessoa que carrega esse significado.

Uma pessoa envolvida com plenitude num significado do mundo e da vida: Cristo foi isto para quem o ouviu, Pedro foi isto para quem o ouviu, Paulo foi isto para quem o ouviu, com pobreza de espírito. Porque, precisamente na falta de pobreza de espírito, precisamente na proporção exata em que falta a pobreza de espírito, o que é que acontece? Que a pessoa já sabe as coisas, acha que já sabe e reduz tudo àquilo que já sabe, tende a reconduzir tudo àquilo que já sabe. Só o pobre de espírito é que pode ser enriquecido, a riqueza é só para ele: para o outro não há nada além de consumo, ou seja, viver dos rendimentos, que é o consumo.

Todos nós, se estamos aqui, é porque de alguma forma este anúncio nos tocou, é porque de alguma forma essa presença que envolvia a pessoa num significado do mundo e da vida nos foi dada. De alguma forma, mas é por isso mesmo que estamos aqui, é impossível que este anúncio não nos tenha tocado, não tenha tocado a nós também. É um acontecimento.

Eu disse: usámos sempre a palavra «encontro», mas a palavra encontro não exprime toda a profundidade da questão, a palavra «anúncio» sim, porque a palavra «anúncio» abre-nos – por detrás de tudo o que se pode dizer – para o sentido misterioso daquela potência, ou daquela vontade poderosa, ou daquela inteligência e vontade poderosa pela qual a coisa aconteceu, pela qual essa presença existe. Como é que existe? A palavra «anúncio» abre-nos (por detrás de tudo o que se pode dizer) com clareza o sentido do Mistério do Pai, o sentido do Mistério de Deus, o sentido da vontade do Pai, o sentido do desígnio de Deus, o sentido do Deus senhor do homem e da história, que faz acontecer-me a mim o anúncio e ao outro não, ao outro sim e a mim não, que escolheu anunciar-se a Nossa Senhora, uma rapariga absolutamente desconhecida, sem valor, mundanamente falando, que escolheu anunciar-se a ela, que escolheu anunciar-se a pobres pescadores, que a um, dois (Nicodemos, José de Arimateia...) sábios do povo escolheu anunciar-se e não aos outros trezentos do Sinédrio. Esta liberdade impressionante e absoluta tocou-me a mim e a cada um de vocês pelo simples facto de estar aqui.

Mas este é o problema, que deixo em aberto; quando nos formos embora daqui devemos olhá-lo de frente: o darmo-nos conta desse acontecimento que nos ocorreu, o darmo-nos conta daquilo que o cristianismo significa; o cristianismo significa este anúncio. Cristianismo não significa dar dinheiro aos pobres; cristianismo não significa levar 34 crianças dos outros para casa; cristianismo não significa usar a tiara papal; cristianismo não significa rezar a Deus, cristianismo não significa fazer gestos religiosos, porque todas estas coisas, como tipo de coisas, são possíveis em todas as experiências dos homens.

O cristianismo é uma coisa que nos é dada e nos aparece como dada, nos aparece como anúncio, realidade imprevista e imprevisível: não existia e está aqui; não podia existir e existe, e está presente. Não podia existir e está presente: uma novidade absoluta. Imaginem o que os pastores sentiram com o anúncio do Anjo, ou os reis Magos com o anúncio do qual a estrela foi um sinal: uma novidade radical, uma novidade de ordem absoluta: não podia existir e está aqui, não podia existir porque nunca a pensámos, não podíamos pensá-la, e está aqui. O cristianismo é este acontecimento, é o acontecimento deste anúncio. Anúncio não enquanto eu o sinto, acima de tudo, mas enquanto se me apresenta a mim: é uma proposta, é uma espécie de proposta, é um tipo de proposta; é uma espécie de significado, um tipo de significado que me é transmitido, que é proposto, que chega até mim nos termos de pessoas envolvidas com ele, de algum modo envolvidas com ele. Deus escolheu para um determinado anúncio um adúltero, Jeremias, Deus escolheu para este anúncio pessoas miseráveis, os apóstolos; Deus escolheu para esse anúncio pecadores, porque tudo isso está no poder que faz vir a coisa à tona.

Tudo quanto está no acontecimento – não no que somos, no que podemos ser, quero dizer, como valor moral – está em algo que está fora de nós e que se propõe ao profundo de nós; mas está fora de nós: é um acontecimento fora de nós, exatamente como o mar em tempestade. Um acontecimento fora de nós, um acontecimento que é um anúncio; um acontecimento que, de fora de nós, imprevisível – não se podia prever – vem à tona e passa por nós, trespassa-nos até ao fundo, com a sua proposta; e esta proposta que nos trespassa até ao fundo envolve também aquela pobre pessoa que o carrega, apesar dela. Lembrem-se do capítulo de Jeremias, quando ele a certa altura, aborrecido, tentou rebelar-se contra Deus, já meditámos sobre isso mais de uma vez: «Então eu disse: não falarei mais em Seu nome, chega! Vou afastar-me da Sua face, não falarei mais em Seu nome. Mas estava dentro de mim como um fogo devorador, como um fogo devorador dentro dos meus ossos, e eu me consumia na tentativa de contê-lo e não conseguia, e era obrigado a sair e a gritar outra vez: maldição e ruína para quem não escuta Javé» (cf. Jer 20,9; 22,5).

É preciso apagar o passado para entender o que é o cristianismo, é preciso apagar toda a conotação do passado para entender o que é agora, agora, agora. Claro, não o passado de ontem ou de antes de ontem, porque o cristianismo é uma presença dentro da tua existência, uma presença que envolve a vida de outras pessoas. Outras pessoas, para te trazer uma proposta, envolveram a vida delas, e é uma proposta que pretende que tu envolvas a tua vida. Mas é uma proposta que, para pretender que tu envolvas a tua, está cheia de significado, está cheia de uma novidade impensada, garante uma mudança inimaginável, inimaginável.

Mas a coisa principal coisa para começarmos a delinear dentro de nós, para começarmos a “desfazer” de toda a embalagem que tem em cima para vermos o presente que está lá dentro, para descobrirmos o rosto claro que possui, a coisa para começarmos a olhar de frente é esta realidade absolutamente viva, presente, que é o cristianismo.

O cristianismo é um anúncio, fenómeno pelo qual as pessoas, uma pessoa – pensem em Cristo -, uma pessoa, através duma maneira de ser, de um envolvimento da sua vida, traz uma proposta que tende a mudar a tua vida: uma pretensão que não pode existir, senão por um significado absolutamente novo. Que quantidade de entulho é preciso retirar da superfície – e muito mais abaixo da superfície – da nossa consciência, da nossa alma, da nossa inteligência, da nossa

sensibilidade, para começarmos a caminhar para aquilo do qual esta palavra, a realidade existencial de que esta palavra «anúncio» começa a ser eco, quer ser o eco! Quanto entulho, quanta crosta é preciso partir! Por isso, qualquer posição de curiosidade, pelo que uma posição tem de curiosidade intelectual, por esse tanto, cá está, não pode conseguir entender. Só uma pobreza de espírito é que o permite, aquela pobreza de espírito que nos faz gritar: «Pai, mostra-me o Teu rosto!» (cf. Sal 27,8-9), aquela pobreza de espírito que nos faz gritar: «A minha alma tem sede do Deus vivo» (cf. Sal 42,3); é a nudez desta palavra que é necessário, é a sinceridade desta palavra, é a perfeição de pureza dessa palavra, que pode estar ali, nítida, sob qualquer mal, qualquer pecado, qualquer ignomínia, e que pode não estar, pode não existir na alma perfeita do fariseu – digo eu – na alma moralmente irrepreensível do fariseu.

Quando esta noite, antes de vir para aqui, eu me dizia: «Mas eu agora tenho de ir lá dizer estas coisas...», aquilo que me confortou na decisão de aceitar esta tarefa ingrata foi exclusivamente este pensamento, humanamente falando: que estas palavras, que esta palavra, ou que palavras como estas devem ser lançadas lá, mesmo que pareçam fazer ricochete numa pedra, ou pareçam escorregar como no mármore; devem ser lançadas lá, porque só a tenacidade de um caminho é que as abre, que as escancara, que faz com que sejamos invadidos pela força delas, pelo seu valor, que sejamos totalmente tomados por elas. Mas esta tenacidade não pode dar-se em nós, não pode existir em nós a não ser na condição da convivência: é uma convivência que dá esta tenacidade, só uma convivência.

Porque é preciso que acabe um período e comece um outro: o definitivo, o maduro. Esta palavra está na origem do nosso cristianismo maduro, ou do cristianismo, é aquilo que pode resistir ao impacto do tempo, aliás, ao impacto de toda a história: porque aquele anúncio... aquele anúncio que começou por tocar duas pessoas (primeiro capítulo de São João) duas, João e André, há dois mil anos, aquele anúncio, aquela pessoa é tal qual o fenómeno que nos atraiu aqui, e é o fenómeno que pode fazer com que permaneçamos na Igreja de Deus. Mas agora já não pode ser aceite de forma passiva, os tempos não nos permitem isso, os dois tempos: o tempo da história («sinal dos tempos») e o tempo da nossa vida, porque não é possível permanecer, depois de adultos, cristãos com uma certa autenticidade a não ser através da experiência deste acontecimento, a não ser através da consciência do anúncio. Sobretudo, é claro, não é possível ser anúncio para os outros, ou seja, não é possível sustentar o mistério de Cristo no mundo, colaborar com ele, difundir – como se diz – o cristianismo no mundo.

Ser fiel à Igreja, ser de Deus na luta do mundo: não é possível, não é possível ser missionário, em suma, a não ser por um anúncio continuamente vivido, e portanto também participado.

Para muitos poderá parecer que não. Mas eu digo que sim, que é uma mudança radical, não digo, no fundo, em última instância, necessariamente do nosso comportamento, mas da nossa consciência, da nossa consciência, da nossa maneira de definir as coisas, sim, e portanto do progresso do nosso comportamento. Porque o progresso do nosso comportamento, uma construção nova sobre o nosso presente, não pode ocorrer a não ser por uma consciência explicitada, a não ser por uma consciência definida. Eu digo-vos que é uma mudança radical da nossa consciência, do nosso modo de pensar, do nosso modo de ordenar as coisas, é uma mudança radical a que deve ocorrer, que a palavra «anúncio» faz acontecer.

Julián Carrón

Um belo abanão, que nos faz permanecer em silêncio, pedindo que as palavras ouvidas – que ficam tantas vezes de fora, devido ao eco diferente que têm nele e em nós, como nos foi dito –, possam tornar-se nossas! Teremos tempo para dar espaço a este silêncio e para o trabalho sobre tudo aquilo que ouvimos.

A cinquenta anos de distância, impressiona ainda mais o facto de que, enquanto tudo estava tão virado do avesso, Giussani tivesse esta clareza de juízo sobre a situação da Igreja e do mundo e sobre qual deveria ser a resposta.

O que é que pode resistir diante de uma situação como a atual? A única coisa que pode resistir é o anúncio – como ouvimos – que começou a ecoar quando Jesus se dirige àqueles dois, João e André, provocando aquele fenómeno que os atraiu. Só o voltar a acontecer daquele mesmo fenómeno permitirá, a longo prazo, permanecer ainda na Igreja de Deus. Não será possível resistir, a não ser pela renovação daquela mesma atração. Por isso Dom Giussani nos recordou o método de sempre, desde o primeiro momento até agora, voltando a propor-nos a pergunta: como é que foi o início? Como é que começaram a acreditar? Que é o mesmo que dizer: como é que nós podemos continuar a acreditar? «Creram por aquela presença [...], uma presença com um rosto bem concreto, [...] carregada de palavra, ou seja, carregada de proposta». A presença de Jesus era uma presença que carregava um anúncio. Mas «é anúncio uma presença com proposta [...], carregada de significado [...], na medida em que envolve no significado que expressa a pessoa que o carrega»; ou seja, é anúncio, é presença, uma testemunha em quem a palavra se tornou carne, parte de si.

Por isso Dom Giussani concluía: «É preciso que acabe um período e comece outro, o definitivo, o maduro. [...] Mas agora» o cristianismo «já não pode ser aceite de forma passiva [...] porque não é possível permanecer, depois de adultos, cristãos com uma certa autenticidade, a não ser através da experiência deste acontecimento, a não ser através da consciência do anúncio».

Agora, como é que este acontecimento se torna experiência para cada um de nós, como é que entra nas entranhas do nosso ser? Foi ele próprio que no-lo recordou: só através de um caminho paciente, graças ao qual aquilo que nos prendeu poderá chegar a determinar tudo em nós. É a isto que Dom Giussani nos convida: à «tenacidade de um caminho», sem o qual é uma ilusão pensar que o acontecimento se torne experiência nossa.

Peçamos ao Senhor que nos faça experimentar novamente nas nossas entranhas aquele acontecimento, aquela novidade que nos prendeu, para que a origem nunca se reduza a um fenómeno do passado. Peçamos-lhe a graça de nos darmos conta, neste momento de confusão também no seio da Igreja, da responsabilidade que temos, não certamente por mérito nosso, mas por causa de quanto recebemos: um método através do qual o anúncio cristão na sua essência pode entrar na vida de cada um, até envolver toda a nossa pessoa, ou seja, um acontecimento agora, uma testemunha, como o são Dom Giussani e o Papa Francisco.

Santa Missa

Homilia do Padre Julián Carrón

Liturgia da Santa Missa:

Nm 11,25-29; Sal 18 (19); Tg 5,1-6; Mc 9,38-43.45.47-48

É sempre Deus que toma a iniciativa, dissemos nos Exercícios da Fraternidade. A liturgia de hoje mostra-nos isso mais uma vez: para salvar o Seu povo, Deus toma a iniciativa com uma pessoa, Moisés. Mas logo a seguir envolve outros: o Espírito recebido por Moisés passa para outros setenta homens, para que possam comunicar aquilo que foi dado a Moisés. E este primeiro movimento era apenas o anúncio da grande iniciativa que Deus estava para tomar, a de enviar o Seu filho, para levar a cumprimento a tentativa de Moisés. O dom que Jesus coloca na história começa assim a ser comunicado aos primeiros que Ele encontra: os discípulos.

Nós conhecemos bem este método de Deus. Aquele movimento do Espírito é, com efeito, o mesmo pelo qual estamos aqui: continuando a utilizar o mesmo método, o Mistério tomou a iniciativa com uma pessoa, Dom Giussani, dando-lhe a graça do Espírito para que pudesse chegar a nós com aquele tom, com aquela força – que acabámos agora mesmo de sentir, ouvindo juntos as suas palavras –, com aquela intensidade que fez com que todos nós nos interessássemos pelo cristianismo, participando assim do seu espírito, do seu dom, da sua graça. É comovente ver como aquele método não marca apenas o início de uma história passada, mas continua a realizar no presente o cuidado com que Deus toma conta de nós.

Mas se não nos tornarmos conscientes de toda a gratuidade deste dom, podemos logo tentar apoderarmo-nos dele. Ouvimo-lo na primeira leitura de hoje. Uma vez que o espírito de Moisés tinha chegado também a dois que tinham ficado fora do grupo a quem tinha sido dado, vendo-os profetizar, Josué vai ter com Moisés para lhe dizer: «Moisés, meu senhor, impede-os!». Mas Moisés responde-lhe: «Está com ciúmes por mim?». Aconteceu também aos discípulos de Jesus, como diz o Evangelho: «Mestre, vimos um que espantava os demónios em teu nome e queríamos impedi-lo, porque não nos seguia» – ou seja, porque não fazia parte do círculo deles. Moisés primeiro, e depois Jesus, recusam-se a submeterem-se a esta atitude de fechamento. Diz Moisés: «Fossem todos profetas no povo do Senhor e quisesse o Senhor fazer descer sobre eles o seu espírito!». Como que a dizer: «Não se dão conta de que Deus me deu o seu Espírito para que chegue a todos?». O mesmo faz Jesus com os discípulos: «Não o impeçam, pois não há ninguém que faça um milagre em meu nome e logo a seguir possa falar mal de mim: quem não está contra nós é por nós».

Jesus desmascara a tentativa de converter o dom que recebemos numa posse, e de usá-lo de uma forma “patrimonial”, esquecendo-nos de que nos foi dado gratuitamente, esquecendo-nos além disso que a própria natureza de um carisma, de uma graça do Espírito, é a de ser para todos: é dado a uma pessoa para que chegue a todos, segundo um desígnio que não é o nosso. Por isso Jesus, assim como Moisés e todos aqueles que receberam verdadeiramente o Espírito, corrigem as tentativas de um uso patrimonial da graça recebida. Como Dom Giussani nos corrigiu.

Ouvindo estas leituras, ouvimos ecoar em nós aquela frase de Dom Giussani: «Sublinha-se o positivo [que encontramos em quem quer que encontremos pelo caminho], mesmo com o seu limite, e abandona-se tudo o resto à misericórdia do Pai» (L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milão 1998, p. 159), porque não somos nós que definimos a forma como o Espírito deve agir. O Espírito sopra onde quer, mesmo fora da Igreja – como sempre afirmou a Igreja –, portanto, também fora do nosso círculo! Que atenção, que tensão temos então de ter, para reconhecer e seguir qualquer movimento do Espírito, em quem quer que este se manifeste, para que estes se tornem nossos companheiros de caminho, porque «quem não é contra nós é por nós [está connosco]. Com efeito, quem quer que vos dê a beber um copo de água em meu nome porque sois de Cristo [...], não perderá a sua recompensa».

Em vez de nos preocuparmos em gerir a ação do Espírito, preocupemo-nos então com a nossa conversão, para que nenhum de nós se possa tornar motivo de escândalo. «Quem escandalizar um só destes pequeninos que crêm em mim, é muito melhor para ele que lhe ponham ao pescoço uma mó de moinho e o atirem ao mar». Somos chamados a viver o dom que recebemos retirando do caminho tudo o que lhe seja obstáculo – também a mão, ou o pé, ou o olho, se se tornar motivo de escândalo, diz Jesus –, para que este possa resplandecer. Que desproporção sentimos diante deste dom! Mas se verdadeiramente começarmos a estar conscientes desta desproporção, não podemos deixar de pedir que a graça que recebemos (e que recebemos para todos, como primeira antecipação de um desígnio que atua em nós através dos outros) possa resplandecer cada vez mais diante de todos, e que não tenhamos de escandalizar ninguém com um uso “estranho”, possessivo ou errado da graça recebida.